

Sta. Barbara, 25 de Abril de 1926.

Elvira - querida e boa vizinha!

Deus - Esse que tudo pode,
tenha-te e a todos, os teus na sua san-
ta graça, como a nós-outros tem tido.

Apprehensivo e triste, pelo teu
lencio ou pelo acaso que até agora
tem privado de receber noticias tuas, e
te escrevo esta indagando o "fargue" do
facto. Já saes com esta 3 ou 4 cartas
te escrevo sem que de ti haja recelido,
linha sequer! Quando isso acontece com
logo das em gritos, e eu que soffo calado e
queto como um santo - de fiao!...

Enfim, 5^a-feira proxima, se Deus quizer,
hei de ouvir dos teus labios a explicação do
teu procedimento; espera-me, pois com uma
excusa, quicá com um pretexto, arranjadinho,
que só por fareas maior deixarei de ir. Até ago-
ra sperar da minha poudade, mas me foi pos-
sivel, devido a afareres e outros motivos ponderosos.

Conta-me o que tens feito? Tens recelido muitas
cartas? Tenho tido necessidade de ir a Santa
Barbara quasi todos os dias, por um ou outro
motivo e sempre volto disilludido com a res-

posta que invariavelmente me dá o agente
do cartão: — "Nada." — um nada ríco e duro
como o "non" do N.º Vieira... Quando a
hora da distribuição da correspondência lá
estarei e se receber o "non", mesmo que
seja atenuado de sua cruera pela fra-
caldade dos lábios da massa gentil pri-
minha Estinha, me enfocarei — n'um pe-
ssouço que tuho na hoste... O non é se-
pre duro e cruel, e tanto mais cruel q-
to mais graciosa é a bocca que o profere.
Gra-me, pois, desse dobão.

Beem, é já tarde da noite, estou lo-
tante morphético — de morphéu, como
como dizia o "marchal", por isso termino.

Meditas pândades a todos, e a ti as
mais vivas e que eu desejava matar hoje
mesmo.

Do teu pairo sincerissimo
(mas retraihes o superlativo porque elle tem
aqui inteiro cabimento) — Luizizinha